

ANEXO A - Crônicas Científicas Seleccionadas (1891-1892)

Figura 17 - *Gazeta de Notícias*, 28 de março de 1891, p. 1

NOTAS CIENTÍFICAS		
<p>Ha muito que se falla nos perigos do leite de vacca como transmissor do vicio tuberculoso, entretanto não é demais voltar a este assumpto todas as vezes que se offerecem observações cuidadas e firmadas por homens do grande conceito scientifico.</p>	<p>e convenientemente examinados; se se fizesse a simples experiencia de inocular o muco pharyngeal da vacca em porquinhos da India, com o fim de diagnosticar a tuberculose bovina, ainda haveria meio de ter-se confiança no leite.</p>	<p>que os outros e nada perdiam de seu sabor particular.</p>
<p>O Dr. Ollivier fez ultimamente á Academia de Medicina de Pariz uma interessante communicação a este respeito.</p>	<p>Mas, como nada d'isso se faz, o recurso que nos resta é só este: <i>leite fervido!</i></p>	<p>Acreditamos que os vinicultores brasileiros bem fariam de tentar a applicação do processo Méritens, pois ninguem ignora quão facilmente se deterioram e acetificam os vinhos nacionaes.</p>
<p>Eis os factos: a 14 de outubro de 1890 adoece uma moça de 20 annos de idade, filha de pais vigorosos, moradora em Chartres, e ao cabo de 12 dias morre victima de uma meningite tuberculosa. Feitas indagações, verifica-se que ella sahira de um internato de Chartres, onde 13 alumnas já haviam contrahido a tuberculose. Ora, a 26 de novembro de 1889 o veterinario inspector do matadouro de Chartres prohibira a venda de uma vacca tuberculosa pertencente aquelle mesmo estabelecimento de educação, onde os casos da terrivel enfermidade se tinham manifestado com tão extraordinaria frequencia.</p>	<p>— Depois da lymphá de Koch, surge um novo medicamento contra a tuberculose: o cantharidato de potassio, preconizado pelo celebre Liebreich.</p>	<p>Eis em que consiste o methodo empregado em Pariz. Ha uma machina magneto-electrica accionada por uma machina a vapor de 7 cavallos; pondo-a em actividade, 12.000 a 15.000 correntes alternadas atravessam por minuto o vinho, por meio de placas metallicas perfuradas e superpostas umas ás outras em numero de seis ou oito. O liquido é obrigado a passar pelos pequenos orificios das placas. Um só d'estes apparatus trata 100 hectolitros de vinho por dia. E' como se vê uma operação verdadeiramente industrial.</p>
<p>Como não concluir que as meninas beberam do leite viciado, e que foi essa a causa do mal, desde que todas ellas eram filhas de pais robustos e sem precedentes morbidos d'aquella natureza?</p>	<p>Como actua esta substancia? Pensa o clinico allemão que o remedio dado em pequena dose actua obrigando o soro do sangue a transudar dos capillares irritados ou inflamados; ora Buchner já demonstrou as propriedades bactericidas de soro sanguineo. Logo a cantharidina conduz uma substancia bactericida precisamente ao interior dos tecidos morbidos.</p>	
<p>De-se o desconto que quizerem; o facto averiguado é que vaccas aparentemente sãs e fortes podem estar atacadas da terrivel molestia, e que, por consequencia, o leite d'ellas bebido cru e tomado em boa fé pôde ser o vehiculo do famoso bacillo.</p>	<p>Na pratica, diz elle, não se deve ir além de 1 a 2 decimigrammas do medicamento.</p>	
<p>As estatisticas colhidas em Franca têm posto este facto em evidencia; em 1889 já Nocard, director da escola de Alfort, publicou factos clinicos do mesmo genero e altamente convincentes.</p>	<p>Heymann submetten recentemente 27 doentes da polyclinica a este tratamento; nos enfermos de laryngite tuberculosa os resultados das injeções foram sorprendentes. Fraenkel e Guttman confirmam estas asserções.</p>	
<p>Toda a prudencia manda, pois, que nos abstenhamos do uso do leite de vacca, sem que seja previamente fervido. Não se illuda o povo com a apparente robustez do animal; por maior que ella seja, os pulmões e as glandulas mamarias da vacca podem estar infiltradas de nodulos tuberculosos microscopicos, e então o leite é um transmissor da morte.</p>	<p>— Uma advertencia aos vinicultores de S. Paulo, Minas-Geraes e do Rio Grande do Sul. As molestias dos vinhos são determinadas, como provou o grande Pasteur, por seres organizados. Encontrado pois um meio ou de matar esses parasitas do vinho, ou de modificar-lhes a vitalidade ou de impedir a sua proliferação, ter-se-hia achado remedio para as alterações de que é infelizmente susceptivel a excellente bebida.</p>	
<p>Em outras circumstancias, se os animais dos nossos estabulos fossem assidua-</p>	<p>Pois as experiencias de Méritens parecem demonstrar que esse meio é pura e simplesmente submeter os vinhos á acção de correntes electricas interrompidas.</p>	
	<p>Depois de muitos estudos a este respeito, foi Méritens incumbido pelo ministerio da agricultura, em dezembro de 1888, de ir experimentar seu processo nos vinhos da Algeria.</p>	
	<p>Fez-se a experioncia e a commissão, encarregada de examinar o caso, foi de parecer unanime que os vinhos electrisados conservavam-se muito melhor do</p>	

Figura 18 - *Gazeta de Notícias*, 01 de junho de 1891, p. 1 (continua)**NOTAS SCIENTIFICAS**

O grande equatorial Lowy. A lua a 45 leguas de distancia. Photographia automatica. Retratos a 100 rs. As serras de diamantes. A vaccina para matar o bacillo. Vantagens da boa mastigação.

Acaba de ultimar-se no observatorio de Pariz a installação do grande equatorial construido segundo os planos de Lowy, instrumento que é, no dizer de H. Parville, uma maravilha de mechanica e de optica. Elle fornece ao astronomo um meio commodo de seguir os astros e fixar-lhes rigorosamente a posição, sem que o observador saia de seu gabinete e da sua cadeira.

Em geral o systema é simplicissimo: uma grande luneta fixa e dirigida segundo o eixo do mundo; na sua extremidade inferior uma segunda luneta, perpendicular á primeira e susceptivel de descrever em torno d'ella um plano que representa o equador celeste.

Esta disposição nova, além de ganhar espaço, evita as cupolas gyratorias dos equatoriales rectos.

A grande luneta do novo equatorial mede 18 metros de distancia focal. A objectiva lateral, disposta na extremidade do braço inferior, tem 0^m,00 de diametro, e pôde ser substituida á vontade por objectivas photographicas.

O peso do instrumento inteiro é de 12 toneladas, e todavia elle se move com a ponta de um dedo. Um movimento de relógio dá movimento á luneta equatorial com uma precisão perfeita, á medida que o céu se desloca, de sorte que se pôde acompanhar uma estrella desde que aponta no horizonte até que se põe. Se se trata de astros, como a lua ou os planetas, que têm marcha diversa do movimento diurno, o mechanismo de relógio, como uma mão

intelligente, imprime ainda ao instrumento os deslocamentos necessarios para que o observador os acompanhe.

O custo total das construcções feitas *ad hoc* e do proprio instrumento não excede a 160:000\$000.

Em França os observatorios de Alger, de Besançon e de Lyon possuem já equatoriales do systema Lowy, mas de objectivas menores. Em Vienna ha dous annos montou-se um semelhante, e o observatorio de Nice está construindo outro, cuja objectiva mede 0^m,40. Até aqui portanto o de Pariz é o unico no mundo por suas dimensões gigantescas e qualidades opticas.

A imagem da lua tem n'elle um diametro de 18 centimetros, e augmentando-a pelos meios photographicos, chega-se ao diametro de um metro. A lua é posta assim a cerca de 45 leguas de distancia da terra.

— Aos muitos apparatus automaticos junta-se agora mais um: o da photographia automatica. Colloca-se o individuo diante do apparatus, dá-lhe a moeda do estylo, e pouco depois tem o seu retrato. Isto vai fazer a felicidade das amas e das crianças dos Campos Elyseos.

Diz Parville que a primeira idéa d'este invento é de um hespanhol Juan Canto. O que ora apparece em França é de Enjalbert e basea-se em principio diverso, a ferrotypia.

A electricidade é aqui o motor. As columnas-caixas de Enjalbert encerram pilhas ou accumuladores. A moeda cahindo desloca uma alavanca e deixa passar uma corrente electrica para um electro-iman; este põe em movimento as rodas, e a placa cahe de casa em casa soffrendo as varias operações photogra-

phicas.

— Acaba-se de applicar o diamante á serra mechanica das pedras duras; está subentendido que não se empregam para esse fim senão os diamantes imperfeitos e menos bellos, aquelles que o sexo fraco não quer para seu adorno.

Os Srs. d'Espine e Achard resolveram o problema applicando um processo de cravação imaginado em 1889 por Kohler. Consiste elle em tomar uma lamininha de aço bem temperado, curval-a em torno do diamante, soldar as duas extremidades e constituir uma especie de rodela, em que a pedra fina se acha engastada sem interposição de materia soldada. Os inventores realisaram varios typos de serras circulares.

O trabalho com estas serras na pedra dura é vinte ou cincoenta vezes mais rapido do que pelos antigos processos com areia ou com esmeril.

Trata-se em summa de um progresso real.

— Os methodos curativos ou pelo menos os methodos de tratamento da tuberculose se succedem aos pares. Fallámos aqui ha dias do processo de Germain Séé que faz seus doentes respirar em camaras especiaes n'uma atmosphera carregada de vapores de creosote e de eucalyptus.

Agora a ultima novidade vem a tempo da Russia e dos Estados Unidos da America do Norte. Hilgar Tyndale affirmar curado ou melhorado 23 tuberculosos inoculando-lhes simplesmente lymphavaccinica de novilha. O mesmo meio therapeutico foi empregado pelo professor Vinogradow (de Odessa) e pelo Dr. Dochmann.

Foi o caso que um tisico da clinica

Figura 19 - *Gazeta de Notícias*, 01 de junho de 1891, p. 1 (conclusão)

Foi o caso que um tísico da clinica de medico russo contrahiou variola, e após a cura, melhorou o seu estado pulmonar a ponto de causar espanto; d'ahi a idéa de erigir a vaccinação em methodo de tratamento da tuberculose.

Como de costume não falta a enumeração de casos felizes e sorprendentes. Ter-se-ha d'esta vez chegado a algum resultado serio?

— Pode-se comer menos, quando se tritura bem, e engordar mais. Comer e assimilar, já sabiamos nós, são cousas muito diversas; mas a companhia dos omnibus de Londres ultimamente o demonstrou positivamente fazendo experiencia com seus animaes.

Ella dividiu seus cavalloos em duas categorias: os da primeira tiveram como ração diaria 8 kilos de aveia triturada, 3 kilos 750 de feno picado, e mais 1 kilo 125 de palha; os da segunda categoria: tiveram 9 kilos 500 de aveia intacta e 6 kilos 500 de feno não picado. Ao todo, 13 kilos de alimento para aquelles e 16 para estes. Pois bem, tanto e tão bom serviço fizeram uns como outros, e os que comeram menos não soffreram nem no vigor nem na gordura. Por que? Porque aos primeiros se auxillou a mastigação e portanto a assimilação do alimento, tendo a precaução de triturar-o.

Conclusão hygienica: comer de vagar e mastigar bem.

Quanto aos cavalloos da companhia ingleza, a economia redundou na bagatella de 500\$ por dia, isto é, mais de 200:000\$ por anno.

Quanto ao homem, que não escapa ás Lexigencias das leis biologicas. o caso é

tambem para economias na bolsa: economia na quantidade do alimento, e economia nas verbas do medico e da pharmacia, que infelizmente dão o remedio para as dyspepsias, e perturbações gastricas de todo o genero, quando o dão.

Figura 20 - *Gazeta de Notícias*, 01 de setembro de 1891, p. 2

NOTAS CIENTÍFICAS

O novo tratamento da tuberculose local. — Lannelongue e seus contraditores. — O ferro-carbonylio. — Um voltmetro economico. — A opera a 500 kilometros. — Rosa-Josepha, o monstro duplo da Galté.

Já se deu noticia, n'esta folha, do novo processo do professor Lannelongue para tratar a tuberculose local. A proposito d'esta communicacão suscitou-se na Academia de Medicina de Paris em sua sessão do 21 de julho, uma discussão interessante.

O Dr. Guérin, reclamou para si a prioridade do methodo, pois que desde 1879 procura modificar o tecido tuberculoso por meio de injeccão do sulfato de zinco, que elle prefere ás do chlorureto por não produzirem escharas.

O Dr. Guérin, applaudindo a communicacão do Lannelongue, disse que em seu entender havia meios mais efficazes para combater a tuberculose local e que sempre se deu muito bem com a compressão elastica da articulacão doente; com este tratamento a circulacão se reduz ao minimo, os bacillos cessam de pulular e até desaparecem... Nas coxalgias, allirmou elle, é enorme a vantagem colhida de semelhante processo.

O professor Lannelongue acudiu a responder aos seus contraditores. Sem querer fazer a historia dos varios meios empregados contra a tuberculose local, sustentou que o seu pensamento era muito diverso dos outros que o precederam. Ello não procura actuar sobre o tecido tuberculoso, e sim sobre o tecido sã; não busca matar o bacillo, quer tão sómente aprisional-o. Por esta razão não faz injeccões intersticiaes, não penetra na articulacão nem nas villosidades, mas depõe o liquido activo na vizinhança dos vasos da região enferma. Este methodo é geral o todo seu.

Se amanhã, disse o professor, houvesse de experimentar n'um caso do cancro, não é no cancro nem para destruil-o que ell injectaria chlorureto de zinco; injectaria em torno do cancro, e para encerral-o por traz de uma muralha bastante espessa e impenetravel.

Respondendo ao Dr. Guérin, o Sr. Lannelongue confessou reconhecer as vantagens reaes do curativo por compressão

elastica; mas, attenta a evoluçãõ do producto tuberculoso, sua invasão constante e a auto-inoculaçãõ que se deve sempre receiar muito, ha de ser superior forçosamente o methodo que detêm esta evoluçãõ e embaraça a auto-inoculaçãõ.

— Na Academia de Sciencias o sabio Berthelot deu conta de um novo descobrimento seu: um composto analogo ao nickel-carbonylio, uma combinaçãõ directa e a frio do ferro com o oxydo de carbono, a que elle chamou *ferro-carbonylio*. Não é aqui o logar proprio para alongarmos sobre o processo de preparacão nem sobre as propriedades d'este composto singular, que por enquanto mais interessa á chimica pura. Basta consignar o facto fundamental e já agora averiguado por numerosas experiencias, e é: que o oxydo de carbono tem a propriedade de unir-se com o nickel, com o ferro, com outros metaes provavelmente, formando assim uma ordem de compostos especiaes.

O ferro-carbonylio representa com toda a certeza, papel importante nas varias reacções metallurgicas.

— O maior defeito dos balões é seu enorme volume, é aquella grande superficie que actúa directamente sobre a resistencia do ar. D'ahi o emprego do gaz mais leve, o hydrogenio; d'ahi as immensas vantagens que pôde trazer para a navegacão aerostatica o emprego do hydrogenio comprimido. Graças aos reservatorios construidos para este fim, a rapidez da produçãõ não é mais um factor para se temer. Podem-se adoptar processos que dão um fornecimento moderado, e entre elles occupa primeiro logar a decomposiçãõ da agua pela electrolyse.

Esta operacão entrou recentemente em nova phase com o invento do commandante Richard; trata-se de um voltmetro economico, em que não entra platina.

Como se consegue este resultado? Mui simplesmente. O liquido conductor era a agua acidulada por acido sulphurico; pois substituiu-se o acido por soda bem pura. Esta simples substituiçãõ permittiu construir um voltmetro muito simples e muito economico, pois que o proprio ferro não é atacado e pôde servir para fazer os electrodos.

— Os progressos da telephonia vãõ operacão milagres. Nos primeiros dias de julho abriu-se uma exposiçãõ de electricidade em Francfort-sobre o Meno, e allí podia quem quizesse ouvir as representacões do *theatro Real* de Munich. Uma bagatella de 500 kilometros,— distancia em que já se pôde assistir a uma opera sem ter o trabalho de sair do concheito da casa, sem as exigencias de vestuario e sem os riscos de uma noite invernosã e dos resfriamentos fataes, a que isso dá muitas vezes logar.

— Exhibe-se agora na *Galté* de Paris o monstro duplo: as irmãs Rosa-Josepha Blazek, de quem já deu ha tempos breve noticia este jornal.

E' um monstro pygopago, isto é, formado de dous individuos distinctos e de igual importancia, como dizem os auctores de *teratologia*.

E' um typo tão raro, que em um seculo mal apparecem dous exêmples.

Rosa e Josepha Blazek nasceram a 20 de janeiro de 1878 em Skeychow na Bohemia; sua mãe, simples camponesa, tinha então 23 annos.

Estas duas meninas de 13 annos sãõ muito louras e pallidas. Quando se sentam n'uma cadeira, difficilmente se percebe a sua uniãõ; ellas sãõ soldadas pela bacia. Os troncos não sãõ paralelos, mas divergem á maneira dos braços de um V, cujo apice representa a junçãõ; esta se realiza pela parede posterior da bacia, como no caso do famoso monstro Helena-Judith, que anda descripto em todos os livros. A bacia, que é exaggeradamente ampla, é unica; parlem d'ella quatro menbros inferiores bem conformados.

As duas irmãs, como sóe acontecer em taes casos, parecem-se muito. Andam ao mesmo tempo, mas uma pôde levantar a outra inclinardo-se um pouco para o lado.

Os monstros d'este genero constituem duas personalidades perfectamente distinctas; seus cerebros funcionam com independencia completa. Quando uma dorme, a outra pôde estar acordada; nem tem os mesmos gostos, nem os mesmos desejos. Rosa gosta só de cerveja, ao passo que Josepha só quer beber vinho. Os pulsos radiaes não sãõ synchronos.

Uma singularidade assignalada pelas gazetas que dão noticia d'este phenomeno é que os monstros duplos sãõ mais frequentes na Europa central do que em qualquer outra parte. Rosa-Josepha, filhas da Bohemia, confirmam esta regra. Mera coincidencia?

Figura 21 - *Gazeta de Notícias*, 19 de setembro de 1891, p. 2 (continua)

NOTAS SCIENTIFICAS

O congresso da tuberculose. Tuberculose das aves e do homem.—Herança de Nagelle.—O congresso de hygiene. A raiva; a vaccinação de Pasteur e o açamo.—Convite aos nossos eds.

No recente congresso internacional da tuberculose discutiram-se questões importantes. Uma d'ellas: *A tuberculose dos passaros é molestia diversa da tuberculose do homem?*

O ponto é de interesse scientifico e pratico, porque desde muito tempo nos laboratorios francezes se inoculou a tuberculose nos animaes, com culturas do bacillo extrahido das lesões tuberculosas das gallinhas e dos faisões.

Pois bem; das recentissimas investigações de Strauss e Gamaleia se depreheende, como foi dito no congresso, que a tuberculose das aves é molestia diversa da tuberculose do homem. Em primeiro lugar, as culturas do bacillo tuberculoso do homem não têm o mesmo aspecto das outras; depois, o resultado das inoculações bem estudadas demonstra que ellas não actuam da mesma fórma nos mesmos animaes. Prescindindo de outros pormenores, que não cabem n'esta rapida resenha, basta citar o seguinte facto:

O coelho inoculado com tuberculos de aves morre, mas sua autopsia não revela lesão visivel a olho nú; o mesmo animal inoculado com tuberculo humano morre tambem, mas sua autopsia revela tuberculos visiveis a olhos desarmados em todos os orgãos, e particularmente no pulmão.

Em que peze á contradicção de alguns experimentadores, parece que as duas molestias não são identicas.

Tratar-se-ha de duas variedades do mesmo bacillo? Os que o acreditam, estão refazendo suas experiencias. Graucher e Hippolyto Martin proseguem n'este caminho com ardor, e pensam que chegarão ao almejado resultado da cura dos tuberculosos.

Por emquanto nada ha de positivo sobre os varios methodos de tratamento, que n'estes ultimos annos têm sido propostos

com mais ou menos entusiasmo, e parece que ainda subsiste de pé o conceito de Bouchard: « O que conhecemos de menos máo para a tuberculose, é o creosote ».

Do illustre Koch ainda se espera muita cousa; do professor Lannelongue vemos já verdadeiras maravilhas no tratamento das articulações tuberculosas por meio das injecções periphericas de chlorureto de zinco; mas... a terrivel tuberculose pulmonar ainda espera o seu Jenner, ou o seu Pasteur.

— O mesmo congresso discutiu outra questão pratica de altissima importancia: a da herança da tuberculose. Dizia-se outr'ora que os filhos de tuberculosos eram individuos *fatalmente condemnados*. Esta dontrina desesperadora não é verdadeira, e o Dr. Vignal acaba de o demonstrar por experiencias concludentes, provando que os orgãos de um feto filho de tuberculosos não transmitem a molestia aos animaes inoculados.

A prova é pois decisiva: o filho de um tuberculoso não nasce tuberculoso.

Mas o que tambem é certo, é que é *um candidato á tuberculose*, como disseram os Srs. Landouzy e Hutinel. Cumpre pois evitar-lhe todas as causas de contagio, e quanto antes separal-o da mãe, que o poderia facilmente inficionar. Aviso aos pais cuidadosos.

— Já que estamos em maré de congressos, bom é que deitês tambem alguma noticia do congresso de Hygiene, reunido em Londres na primeira quinzena de agosto. Em uma das suas sessões, presidida por Sir Nigel Kingscote, fallou o Dr. Roux, do Instituto Pasteur, sobre a *«prevenção da raiva»*, apresentando um trabalho completissimo e bem documentado. Ha pouco mais de seis annos que se começou a praticar no homem a vaccinação anti-rabica, e já se póde julgar dos resultados obtidos. Depois de uma descripção dos processos empregados para obter o virus anti-rabico, deu o Dr. Roux as seguintes informações estatisticas:

De 1885 a 1891, foram tratados no Instituto Pasteur 9.405 pessoas. D'estas succumbiram 90, apesar do tratamento, o que dá uma mortalidade de 0.95 %., e note-se que taes algarismos comprehen-

Figura 22 - *Gazeta de Notícias*, 19 de setembro de 1891, p. 2 (conclusão)

dem individuos salteados pela raiva só alguns dias depois da inoculação.

Nas 9.465 pessoas tratadas no Instituto Pasteur em seis annos, havia 1.551 estrangeiros, dos quaes 389 vindos de Inglaterra. A mortalidade média entre estes ultimos foi de 1.8 %.. Desde o começo da applicação do tratamento inventado por Pasteur, a mortalidade decresceu de 1.34 % em 1886 a 0.54 % em 1891.

Póde-se esperar que esta mortalidade se torne nulla? O Dr. Roux não o crê. Mas felizmente, na grande maioria dos casos, a vaccinação anti-rabica assegura a cura da raiva. Os algarismos o demonstram a toda a luz.

Fallou em seguida sobre o mesmo assumpto o Sr. Jorge Fleming, discorrendo particularmente sobre a vantagem de medidas policiaes preventivas, adoptadas pelos governos de alguns paizes da Europa, como a Prussia e a Inglaterra.

O que se passou em Londres a este respeito, é assaz significativo e devera servir de estímulo a todas as municipalidades

dos paizes civilizados. Em 1885, por exemplo, 27 individuos morreram victimas da raiva. Pox-se logo em vigor a postura sobre o açamo dos cães, e em 1886 não houve uma só morte a lamentar.

Desgraçadamente cassaram a postura, e o resultado foi que no fim de alguns mezes a raiva reapareceu em Londres, de tal fórma que em 1889 houve 10 casos de morte por hydrophobia.

Em julho d'esse anno as auctoridades, voltando ao bom caminho, restabeleceram a postura, o açamo dos cães foi cumprido à risca, e a raiva tornou a desaparecer immediatamente.

Fleming, depois de haver citado estes exemplos convincentes, concluiu declarando que, por meio do açamo geral o obrigatorio, o Reino Unido poderia desembaraçar-se completamente d'esse flagello.

Estas observações não deveriam conduzir a nossa municipalidade a fazer effectivas as medidas proventivas de que se trata? Bom sabemos que ha aqui no Rio de Janeiro, como em toda a parte, gente que tem uma paixão ainda mais

forte do que a da hygiene: é a paixão pelos cães. Esses se recusam sempre a acreditar que os seus animaes dilectos damnem, e fazem objecção constante ao açamo.

Mas, quando se trata do bem-estar da communnidade, que valem caprichos de um ou outro amator de animaes?

Diante da prova real não ha argumentos que prevaleçam. E' indispensavel o açamo, e os nossos edis lavrariam um tento tornando-o indispensavel e obrigatorio, sob penas severas.

ANEXO B - Registros Fotográficos de Pedro Rabelo

Figura 23 - “Grupo antigo, em que se vêem o Dr. Paranhos Pederneiras, Arthur Azevedo, Alvares de Azevedo, Sr Olavo Bilac, Pedro Rabello, Placido Junior, Coelho Netto, Leoncio Correia e Henrique Hollanda, sendo estes tres ultimos os unicos sobreviventes. Fomos encontrar o precioso original no gabinete de trabalho do nosso confrade Abelardo Pardal.” Disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/FBN: Jornal *O Malho* ano 1919, p. 34



Fonte: O MALHO, 1919. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

Figura 24 - “Proeminentes intelectuais brasileiros encenam uma jocosa réplica do quadro A lição de anatomia do mestre holandês Rembrandt: Olavo Bilac, Leôncio Correia, Henrique Holanda, Pedro Rabelo, o doutor Pederneiras, Álvaro de Azevedo Sobrinho e Plácido Júnior.” Disponível no site da Academia Brasileira de Letras na galeria Fundação

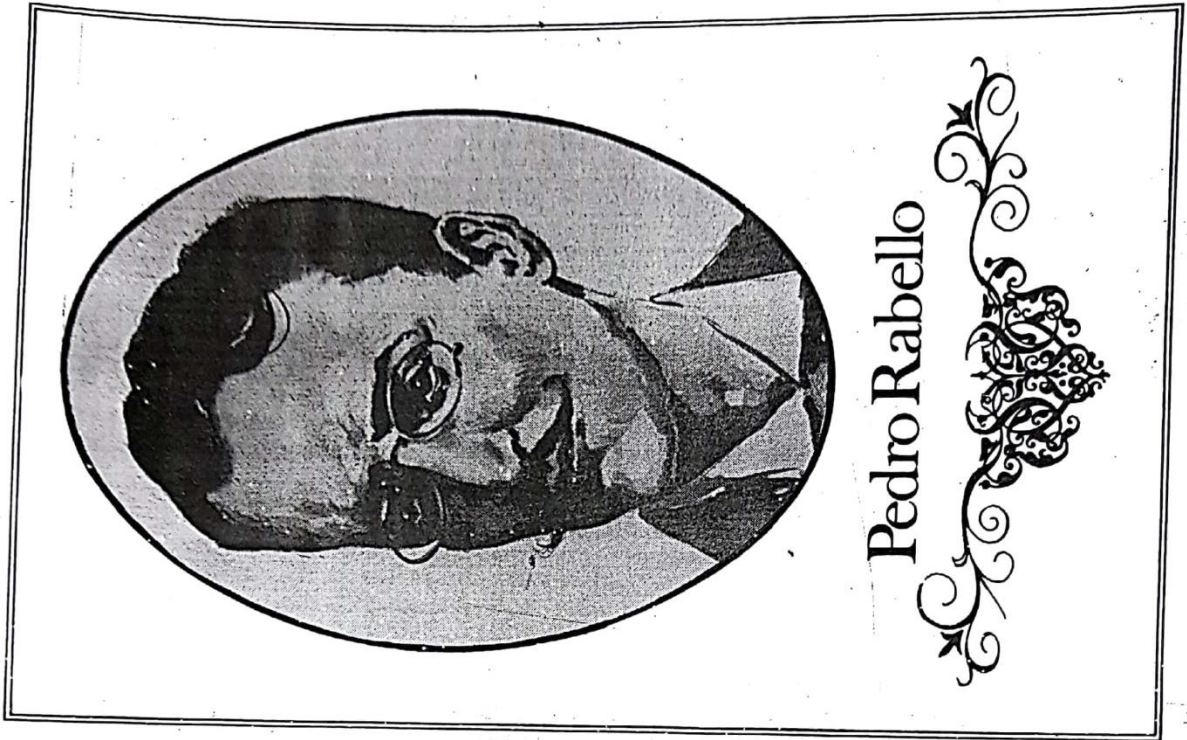


Fonte: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

ANEXO C - A alma alheia (1895)

Figura 25 – A alma alheia (1895)

Volumes publicados!		Pedro Rabello	A ALMA ALHEIA	Texto integral
1. Machado de Assis <i>HELENA/O ALIENISTA</i>	27. Rebelo da Silva <i>CONTOS E LENDAS</i>	28. Antônio Gonçalves Teixeira e Souza <i>AS TARDES DE UM PINTOR</i>		
2. Eça de Queiroz <i>O CRIME DO PADRE AMARO</i>	29. Araripe Júnior <i>JACINA, A MARABÁ</i>	30. Gomes de Amorim <i>AS DUAS FIANDEIRAS</i>		
3. Joaquim Manuel de Macedo <i>A MORENINHA</i>	31. Trindade Coelho <i>OS MEUS AMORES</i>	32. José do Patrocínio <i>OS RETIRANTES (I)</i>		
4. Júlio Ribeiro <i>A CARNE</i>	33. José do Patrocínio <i>OS RETIRANTES (II)</i>	34. Manuel Pinheiro Chagas <i>TRISTEZAS A BEIRA MAR</i>		
5. Júlio Diniz <i>AS PUPILAS DO SENHOR REITOR</i>	35. Valentim Magalhães <i>FLOR DE SANGUE</i>	36. Lúcio de Mendonça <i>O MARIDO DA ADULTERA</i>		
6. José de Alencar <i>IRACEMA/LUCIOLA</i>	37. Jolito Carlos de Medeiros Pardal Mallet <i>HOSPEDE</i>	38. Guimarães Júnior <i>CONTOS SEM PRETENSÃO</i>		
7. Visconde Taunay <i>INOCENCIA</i>	39. Júlio César Machado <i>CONTOS AO LULAR</i>	40. D. João da Câmara <i>CONTOS</i>		
8. Alexandre Herculano <i>EURICO, O PRESBITERO</i>	41. Castro Alves <i>OS MAIS LINDOS POEMAS</i>	42. Joaquim Nabuco <i>MINHA FORMAÇÃO</i>		
9. Adolfo Caminha <i>A NORMALISTA</i>	43. Padre Antonio Vieira <i>SERMÕES</i>	44. Bocage <i>SONETOS</i>		
10. Euclides da Cunha <i>OS SERTÕES (I)</i>	45. José Vieira Couto de Magalhães <i>VIAGEM AO RIO ARAGUAIA</i>	46. Bernardim Ribeiro <i>MENINA E MOÇA</i>		
11. Euclides da Cunha <i>OS SERTÕES (II)</i>	47. Luís Gama <i>TROVAS BURLESCAS</i>	48. Júlio Lourenço Pinto <i>O SENHOR DEPUTADO</i>		
12. Raul Pompéia <i>O ATENEU</i>	49. Carlos Augusto Ferreira <i>HISTÓRIAS CAMBIANTES</i>	50. Pedro Carlos da Silva Rabelo <i>ALMA ALHEIA — CONTOS</i>		
13. Aluísio de Azevedo <i>CASA DE PENSÃO</i>				
14. Camilo Castelo Branco <i>AMOR DE FERDIÇÃO</i>				
15. Bernardo Guimarães <i>A ESCRAVA ISaura</i>				
16. Franklin Távora <i>O CABELEIRA</i>				
17. Almeida Garrett <i>VIAGEM A MINHA TERRA</i>				
18. Manuel Antônio de Almeida <i>MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS</i>				
19. Domingos Olímpio <i>LUZIA-HOMEM</i>				
20. Manuel de Oliveira Paiva <i>DONA GUIDINHA DO POÇO</i>				
21. Artur Azevedo <i>CONTOS</i>				
22. Fialho d'Almeida <i>O PAIS DAS UVAS</i>				
23. Álvares de Azevedo <i>NOITE NA TAVERNA</i>				
24. Gonzaga Duque <i>MOCIDADE MORTA</i>				
25. Bruno Seabra <i>PAULO</i>				
26. José Gomes Apolinário Porto-Alegre <i>O VAQUEANO</i>				



Capa: Anibal dos Santos Monteiro
 Desenho: Manoel Victor

1974

Esta obra foi composta na Linoart, SP
 e impressa nas oficinas da São Paulo Editora, SP,
 para a Editora Três, São Paulo, SP, Brasil.

Editores: Domingo Alzugaray,
 Luis Carta, Fabrizio Fasano

Coordenação: Armando Gonçalves e Ignácio de Loyola
 Distribuição para todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.
 Rua Teodoro da Silva, 907, fone: 258-4848,
 Rio de Janeiro, GB.



A vida de Pedro Rabello

Pedro Carlos da Silva Rabello, jornalista, poeta e contista, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 19 de outubro de 1868. Filho de Joaquim de Oliveira Rabello e de d. Firmina Rodrigues Silva Rabello, estudou no Rio de Janeiro. Muito cedo, Pedro Rabello empregou-se no comércio e, mais tarde, foi amanuense do patrimônio da Intendência. Sabe-se, ainda, que foi de 1891 a 1894 redator dos debates na Câmara dos Deputados, e diretor da seção do Conselho Municipal.

Pedro Rabello, desde muito moço, começou a fazer versos e a colaborar na imprensa carioca, onde se destacou como cronista e polemista.

Participou ativamente das rodas boêmias da época e foi, com Olavo Bilac e Guimarães Passos, antiescravocrata, tomando parte na campanha abolicionista desencadeada no país. Em colaboração com Bilac e Guimarães Passos, escreveu os romances A Cabeça que Fala e Coração sem Alma, "obras de galhoja diabólica".

Em 1895, Pedro Rabello entrou para a redação de A Cigarra, dirigida por Olavo Bilac e Julião Machado. Aliás, o autor de A Alma Alheia sempre se distinguiu como atuante jornalista e

colaborou no Diário de Notícias, na sua primeira fase, na Gazeta de Notícias, em 1887, no Diário do Comércio, em 1888, no Correio do Povo, em 1890, em O País, de 1891 a 1892, e no Tempo.

Pedro Rabello foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras, apesar de contar na época apenas 28 anos de idade e de ter publicado um único livro de versos, Ópera Lírica (1894). Ocupou a cadeira n.º 30, escolhendo como patrono o seu grande amigo e colega de imprensa, Pardalet Mallet, falecido dois anos antes, em 1894.

A fundação da Academia Brasileira de Letras constituiu-se num fato curioso. Nasceu fora da tutela do governo e no meio das letras, na redação da Revista Brasileira, de José Veríssimo. "A instalação da Revista era pobríssima: duas salas acanhadas, onde a luz vinha não do sol mas dos bicos de gás, duas mesas de pinho claudicantes. Contou Coelho Neto que ali se reuniam todas as tardes, para conversar e chuchurrar um chá chiro, o diretor da revista, José Veríssimo, o secretário Paulo Tavares, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Lúcio de Mendonça, Graça Aranha, Paula Ney, Domicio da Gama, Alberto de Oliveira, Rodrigo Otávio, Silva Ramos e Filinto de Almeida. As vezes apareciam também Bilac, Raimundo Correia, Valentim Magalhães, Guimarães Passos, Pedro Rabello e outros. Foi numa dessas tertúlias que Lúcio de Mendonça levantou a idéia da fundação da Academia. Segundo Antônio Sales, que estava presente, Nabuco e

o Visconde de Taunay apoiaram a iniciativa de Lúcio. Veríssimo, não. Machado de Assis opôs-lhe algumas objeções. Depois todos concordaram." (Nelson Werneck Sodré, História da Literatura Brasileira). Surgiu, desta forma, a Academia Brasileira de Letras, sendo eleito Machado de Assis seu presidente. Numa das primeiras sessões, em dezembro de 1896, o escritor Inglês de Sousa apresentou um projeto segundo o qual a nova instituição se chamaria Academia do Brasil. Coube, entretanto, a Pedro Rabello uma emenda, alterando o seu nome para Academia Brasileira de Letras.

Poucos são os fatos, relacionados com a vida de Pedro Rabello, que nossos biógrafos assinam. Um deles merece destaque especial pelo que oferece de originalidade e extravagância. Na manhã do dia 16 de dezembro de 1898, aniversariando Olavo Bilac, Pedro Rabello e seu grupo boêmio resolveu comemorar a data com um almoço no Hotel das Paineiras. Participaram, além do aniversariante e de Pedro Rabello, Coelho Neto, Artur Azevedo, Aluísio Azevedo, Paranhos Fedeirneiras, Raimundo Correia, Leôncio Correia e Guimarães Passos. Em dado momento, interrompeu-se a festa e reconstituíram os boêmios o célebre quadro de Rembrandt, a Lição de Anatomia, em que figuravam como paciente Artur Azevedo, e como profissionais da autópsia Olavo Bilac e Coelho Neto.

Ao cabo de longa enfermidade, Pedro Carlos da Silva Rabello veio a falecer às treze horas do

dia 27 de dezembro de 1905. Foi enterrado no Cemitério de São Francisco Xavier, no Rio de Janeiro. Morreu moço e não teve elogio acadêmico, pois seu sucessor na Academia Brasileira de Letras tomou posse por carta.



A obra de Pedro Rabello

Pedro Rabello estreou na literatura brasileira como poeta, publicando, no ano de 1894, o livro Ópera Lírica. No ano seguinte, lançou um volume de contos, com o nome de A Alma Alheia. Depois de A Alma Alheia, Pedro Rabello dedicou-se com avidez ao jornalismo e só veio a publicar mais um livro, Filhotadas (1898), composto por versos humorísticos.

Como poeta lírico seu valor é secundário, conforme assinalam os críticos, entre os quais Agripino Grieco, na sua Evolução da Poesia Brasileira. Alguns poemas possuem qualidades, graças ao seu lirismo que, por certo, seria desenvolvido e sofreria evolução, não tivesse Pedro Rabello morrido precocemente aos 37 anos.

As Filhotadas, versos humorísticos publicados inicialmente no Filhote, da Gazeta de Notícias, sob o pseudônimo de Pierrot, e reunidos em livro, em 1898, nada ficam a dever aos melhores da época. "Não esquecer que Bilac espalhou com profusão pequenas peças engraçadíssimas, no feitiço de crônicas sobre acontecimentos do dia. Neste gênero, a produção de Pedro Rabello, que se en-

contra perda nas folhas do tempo, é das mais importantes", assinala Edgard Cavalheiro.

Os contos que compõem o volume A Alma Alheia têm muito interesse para o realismo brasileiro. "Cão", "Mana Minduca", "A Barricada", "Caso de Adulterio", "Curiosa", "O Jeromo", "Genial Ator!" e "Obra Completa" formam o volume. Alguns desses contos, antes de serem reunidos em volume, foram publicados em separado, como "Mana Minduca", que se encontra reproduzido no Almanaque, da Gazeta de Notícias, de 1898.

Logo que se publicou o livro A Alma Alheia a crítica literária da época tachou Pedro Rabello de imitador de Machado de Assis. Parece, porém, que Pedro Rabello não foi imitador do autor das Várias Histórias, mas tão-somente foi influenciado por ele. Machado de Assis, numa das suas crônicas de A Semana (27 de outubro de 1895), referiu-se a essas acusações da crítica, escrevendo: "Tem-se notado que seu estilo é antes imitativo, e cita-se um autor, cuja maneira o jovem contista procura assimilar. Pode ser exato em relação a alguns contos. (...) No redor dos anos é natural não acertar logo com a feição própria e definitiva, bem como seguir a um e a outro, conforme as simpatias intelectuais e a impressão recente. A feição há de vir, a própria, única e definitiva, por que o sr. Pedro Rabello é daqueles moços em que se pode confiar".

Pedro Rabello denota, em alguns contos, alguma preocupação psicológica. "As suas narra-

ções se desenvolvem numa atmosfera entre irônica e sentimental, a que se ajunta, de vez em quando, uma nota trágica. Se em "Cão" tem acentos dramáticos a revolta de Rufino, numa história que possui um desenvolvimento bem graduado, abraçada-se em ironia o tom com que o contista descreve "Mana Minduca" à espera do namorado, que em contra doze anos depois, não o reconhece nem é reconhecida" (João Pacheco).

A presença de Machado de Assis é constatada, principalmente no conto "Caso de Adulterio".

Com relação aos tipos, nota-se uma preocupação de Pedro Rabello em descrevê-los pormenorizados, como acontece por exemplo no conto "O Jeromo". Outro aspecto importante do conto de Rabello é a intenção nativista, patenteada na escolha dos meios rústicos para desenvolver a ação.

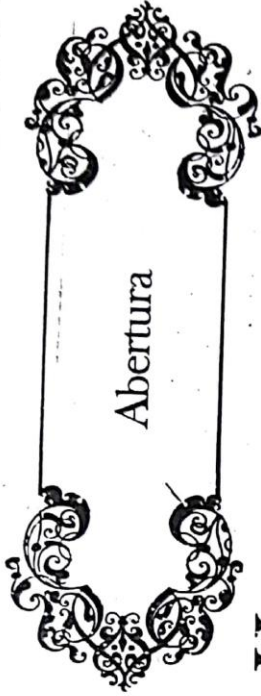
Dos contos reunidos em A Alma Alheia é "Obra Completa" o de maior fôlego e, como assinala João Pacheco, no volume O Realismo, de A Literatura Brasileira, nele "o clima é tenso, desenrolando-se a trama por uma forma um tanto elíptica que, se ora a obscurece, ora lhe dá uma dimensão poética".

Não se pode duvidar das qualidades de Pedro Rabello como contista e, se porventura tivesse podido aprimorar-se na forma, seria, talvez, apontado como um dos principais representantes do realismo no Brasil.

Pesquisa do Professor Carlos Alberto Iannone da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília.

Cronologia

- 1868 — Pedro Rabello nasceu no Rio de Janeiro, a 19 de outubro. Filho de Joaquim de Oliveira Rabello e de dona Firmina Rodrigues Silva Rabello.
- 1887 — Colaborador da *Gazeta de Notícias*.
- 1888 — Colaborador do *Diário do Comércio*.
- 1890 — Colaborador do *Correio do Povo*.
- 1891 — Redator dos debates da Câmara dos Deputados. Colaborador de *O País*.
- 1894 — *Ópera Lírica* (poesias líricas).
- 1895 — *A Alma Alheia* (contos). Entrou para a redação de *A Cigarra*.
- 1896 — Membro fundador da Academia Brasileira de Letras.
- 1898 — Participou do almoço em homenagem a Bilac. *Filhotadas* (poesias humorísticas).
- 1905 — Pedro Rabello faleceu, no Rio de Janeiro, às 13 horas do dia 27 de dezembro. Foi enterrado no Cemitério de São Francisco Xavier.



Abertura

Há aqui uma disparidade de estilo, uma dessemelhança de processos, que se por um lado redundam em benefício para o volume, com o tirar-lhe a monotonia que pudera ter, por outro lhe prejudicam uma certa unidade de forma que, porventura, fora para desejar. Qualidade ou defeito, explicam-se não pela diversidade de épocas em que foram escritos os contos, mas pela diversidade de assuntos que, em cada um deles, pretendera emoldurar o autor. O estilo nebuloso, por vezes tateante, da *Barricada*, aplicado ao conto com que abre o livro, ou a paisagem larga do *Cão!* descrita pelo processo daquele, está bem de ver que nem ao leitor lhe dariam a impressão exata do quadro, nem ao autor lhe serviriam para dizer, com propriedade, tudo quanto no volume ele se propusera "dizer".

Subordina-se tal procedimento a uma legítima ou ilegítima compreensão de Arte que tem o autor — compreensão que ele humildemente pede se lhe pernita guardá-la para si, errônea, embora, no entender de uns que a contestem, ou acertada, no

parecer de outros que sobre o assunto, alardeiem idéntica opinião. Por que lhe faltem requisitos de que haveria mister, ele não se propõe doutrinar a ninguém. Escreve como escreve, porque entende que por esse modo é que se deve escrever. Tudo isso — está claro — quanto à dessemelhança de processos e à disparidade de estilo. Os outros pontos, a propriedade do diálogo, o acerto ou o desacerto da expressão, a verossimilhança das situações que se crêem, tudo por esta forma se expõe à inexorabilidade da crítica. E o menos que se lhe pede, à crítica, é justamente que ela se digne ser inexorável para com o que vai ler.

Pertence o autor àquele reduzido número de pessoas que na crítica amigável dos agrupamentos literários, desta ou daquela feição, vêem ainda o obstáculo maior para que por completo se julgue do mérito de cada um. Semelhante berganha de aplausos, tal como ainda agora é feita, embora de resultado negativo aqui na capital, pela ausência da produção respectiva, que os da roda se contentam com anunciar que vai ser a alta revelação do talento e do mérito maiores, produz contudo, fora dela, uma natural impossibilidade de seleção. Nem há estranhar o fenômeno. Quando a seleção é impossível aqui mesmo, para um certo público, muito não é que ela se torne irrealizável para os que não labutam no sítio onde esses agrupamentos se ru-

fam o tambor fraternal da reclame e do encômio.

Falou-se acima em ausência de produção. Ela merece bem uma explicação melhor. Para os agrupamentos citados o anúncio da obra está na razão inversa do seu aparecimento. Adquirem-se, fazem-se reputações literárias por uma simples escolha de títulos, sonoros ou não. O essencial é que os jornais assegurem que tal volume está para aparecer. Por essa forma se criou a pretensa popularidade de conhecidos autores inéditos, a quem os da agremiação a que eles se filiaram chamam o divino poeta das *Sacrílegas*, ou o delicado sonhador dos *Pesadelos*, ou o prosador elegante dos *Retoques*.

Assim, qual deles que é já para a roda e quiçá para o público de fora de portas, o festejado burilador das *Tarântulas*, deixa-nos pasmos diante do curioso gênero de escamotagem literária com que ao tempo em que empalma tamanhos e tão cobigados foros de homem de letras, cautelosamente nos rouba aos olhos ávidos a série longa do que produziu. Outro registra uma bagagem literária de quatorze volumes inéditos, dos quais se assegura que não vieram ainda à publicidade pelo trabalho difícil de saber a qual deles se profanará primeiro, atirando-o à voracidade ignorante do público. Evêem depois os "requintados" e os "quintessenciosos", e a todo o cortejo formam cauda uns desditosos, tímidos rapazes ingênuos, a quem a turba

deslumbrou com o habitual amontoado de "frissons vespéraux" e de *hepatocordiums cathédralescamen-te soantes*, e que amolecem no fundo escuro dos botequins onde se reúne o cenáculo.

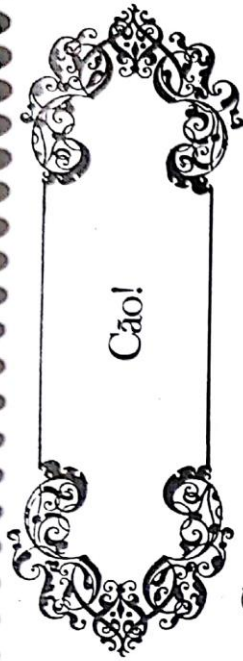
Tal como em tempos, últimos para o Império, venerandos, vetustos semanários se sucediam na corte do soberano — junto deles vetustas, venerandas frases fazem sucessivamente a sua semana de serviço. Era ainda não há muito o *frisson*, espécie de marca da fábrica, documento da originalidade da escola; veio depois o "ancestral", veio o "vitral faustoso", vieram o "para-sol empapoulado e clownesco", o *salero* e o *viva la gracia*. A nota extravagante, original, bizarra, acaso descoberta por um, é imediatamente estragada pelo consumo que todo o resto da igreja lhe dá. Cita-se aqui, para prova, a conhecida "faixa de luz-roxa enviuvando o mar" a que um da roda aludiu em trabalho submetido a concurso. Foi quanto bastou para que à turba in-teira tudo se lhe figurasse roxo. A originalidade não é por certo nenhuma das sete virtudes da grei.

Mas não só esses agrupamentos merecem que o autor os deixe consignados aqui. Outras sociedades literárias de socorros mútuos existem, nas quais, por escala, cada um afirma o alto e distinto mérito dos demais. Aí se faz a consagração de uma espécie de diletantismo literário cujo apregoado valor por tal forma se liga à folha que o anuncia,

que desaparece com ela nos eclipses motivados pelos desastres da administração.

Por tudo isso se pede agora a inexorabilidade da crítica. Ainda quando outra vantagem maior não decorresse de semelhante inexorabilidade, esta única lhe bastaria, ao autor, para remuneração do esforço com que a pede — a severidade do julgamento literário delimita bem o terreno em que as aptidões deste ou daquele mais legitimamente se deviam exercer.

P. R.



Cão!

Sol a pino; esbrazeado, rútilo sol de janeiro...
Tangendo a tropa — de volta do mercado longínquo — o Rufino estacou, de súbito, ao súbito chamado de tia Rita. E à porta da casinha branca, dentre os galhos ásperos dos espinheiros, a figura encarquilhada da velha chamava-o de novo:

— Eh lá, Rufino!

— Sua bênção, tia Rita!

— Calor danado, hein?

— Parece que não passa sem chuva...

— Nossa Senhora que mande.

Em roda, pelo mato mirrado e seco, secas, mirradas árvores se levantam, ávidas, para o céu. E, por entre a relva queimada, ao acaso dos campos, apenas os longos, áridos caminhos de areia refletem ao sol. O Rufino demorava-se um pouco, arredar as mulas para junto dos espinheiros da cerca; sacudiu o suor, a um rápido passar dos dedos pela testa. E veio, chapéu ao alto, enrolando o cigarro tirado da orelha:

— Forte sempre, hein, tia Rita?

— Não vê! Caco de velha que a maldita nem deixa parar. Mariana já levantou?

— Levantou?! Nossa Senhora que tenha pena dela. De já hoje se foi chamar seu dr. Paixão.

— Eh! Ruim assim?

— Ruim de não tirar a cabeça da cama.

Um corvo pairava alto, voando em círculo. E a sombra negra da ave passou, rápida, por sobre a cabeça da velha. Tia Rita franziu as sobrancelhas:

— Vá longe o agouro! Cuidado com ela, hein, Rufino...

— E eu cá que já vou andando pra casa...

— Deus que te acompanhe!

O Rufino estalou o chicote no ar. E, sacolejando os jacás vazios, a tropa embicou pela estrada fustigada do sol. A casinha de tia Rita ficou para trás, muito alva, com os seus ares de eremitério em meio das roças queimadas — como uma capelinha ao centro de um campo talado pelo incêndio, pela devastação e pela morte. Ao longo da estrada nem mais sombra humana aparecia. Eram apenas, no ar imóvel, folhas imóveis de árvores imóveis. E só de entre duas mangueiras, muito ao longe, num alto, transparecia a casinha do Zé Português — um que, por noites enluaradas, costumava dizer, à guitarra, toda a saudade nostálgica da sua terra.

De novo, lépido, o látego vibrou, estalando,

desenroscando-se no ar. E agora, para lá da curva distante do caminho, emergia da massa de troncos das amendeiras despidas a ponta aguda da torre da Matriz. Em frente, tranqüila e pobre, era a casa. E o Rufino apressava a tropa. Do caminho de areia em brasa, ao trote das mulas, subia para o ar uma poeira fúlgida e fina...

Mas — porque ao fim chegassem — o Rufino escancarou a porteira; e, enquanto a uma chicotada mais forte, as mulas trotavam para o telheiro ao fundo — à cata de sombra e de água — entrou em casa muito rápido, a indagar do estado de tia Mariana.

— Então, tia Rosa, e a velha?

— Assim...

Imóvel, sobre a cama de ferro, no quarto de portas abertas para o ar e para a luz, tia Mariana arfava compassadamente. Os finos braços, amarelados e magros, mal lhe sustinham o lençol dobrado por sobre a colcha de chita. Nos olhos vítreos errava-lhe o resto de um amortecido clarão. E tia Mariana movia monótona, maquinalmente, a cabeça. Pela porta entreaberta via-se o quarto vizinho. E nele, junto do oratório iluminado, a Úrsula, vinha de fora, ajeitava um galho de flores de espinheiros aos pés finos e brancos da Senhora da Conceição.

O dr. Paixão viera de quatro léguas mais adiante. E, mais o Tinoco, o irmão da Úrsula, lhe

fora dizer que a mãe do Rufino estava, havia oito dias, com uma febre ruim, pusera pé no estribo da água e atirara-se para a Areia Branca. À porta, ao saltar, perguntara logo se lhe não haviam aparecido uns vômitos. E fora com um ar compungido que lhe buscara o pulso, tateando-o no braço desnudo e emagrecido da velha.

O Rufino entrou, pé ante pé. E o Tinoco, que andava a rachar lenha por ali perto, veio também, cauteloso, e, logo à porta, depôs no chão a foice afiada para a tarefa. O calor abafava fora. No quarto próximo, a um prenúncio de vento, as velas do oratório estremeciam... Pela alta cruz do Senhor Crucificado — um velho Cristo de jacarandá balsâmico e forte — subia uma espiral de fumaça pardacenta; e, mal o vento aumentava, a chama das velas ia lambeo os sangrentos, chagados pés do Senhor.

Tia Mariana movia a cabeça, pausadamente, de um para outro lado. Voltara-se; fincara os pés na cabeceira da cama de ferro. E a pouco e pouco, ia-se-lhe amortecendo o clarão moribundo do olhar. Era como se adormecesse, afinal, depois daquelas tantas, longas noites monótonas de vigília... O dr. Paixão fitava-a insistentemente.

Fora, no espaço, uma nuvem tapara por momentos o sol. Ventava agora. E de todo o côncavo do céu, muito alto, vinha por sobre a terra um ar

pesado de desgraça e de morte. Pássaros passavam em fuga. Pela estrada adiante, às bruscas, fortes rajadas do vento, levantavam-se turbilhonando, e iam às soltas, pelos campos, as folhas secas das amendoeiras do largo da Matriz. E súbito, relâmpagos abriram um rápido, largo claro no céu.

O dr. Paixão voltou-se para tia Rosa:

— Mudança de tempo... — fez, baixo.

E com os olhos indicava-lhe a calma brusca de tia Mariana. Mas o calor aumentava, terrível. O Rufino tinha os olhos presos ao rosto amarelecido da velha. O doutor fizera um sinal à Úrsula; e ela foi esperá-lo perto, no corredor.

— Hum!... Mudança de tempo... — repetia tia Rosa.

E abanava a cabeça, com um ar desolado. O doutor levantou-se, ficou um pouco, de pé, em frente à janela, a mirar o horizonte longínquo. Assobiava baixinho. Deu uns passos até o aparador onde o lampião de querosene descansava num tapete vermelho, de lã. E sumiu-se, pelo corredor adentro.

— Ora aí está; já tardava... — observou tia Rosa. — Aí temos nós a chuva.

Grossos, disseminados pingos d'água caíam agora por sobre a areia em brasa. E, a um relâmpago mais forte, a casinha do Zé Português — longe, num alto, entre duas mangueiras — apareceu

num fundo de luz amarela, como num clarão de apoteose. Tia Mariana arfava, de novo. Faltava-lhe o ar... Do fundo da casa, escondendo o quer que era, a Úrsula veio então, chorosa, para o quarto. E, logo ao chegar, disfarçadamente para que ninguém a visse, tirou de uma dobra da saia a vela benta do Santo Sepulcro.

— Ah! É a chuva... Pois mais vale tarde do que nunca... — sentenciou o dr. Paixão, entrando.

O Rufino chegou-se para junto do médico:

— Seu doutor...

E indicava-lhe tia Mariana, inquieta, na ânsia de conservar o ar que lhe ia fugindo:

— Está ruim, não está?

O doutor não respondia. Fitava-o dolorosamente. O Rufino tinha uma coisa a apertar-lhe o coração.

— E agora? — perguntou.

— Agora, só Deus!

“Só Deus!” — Ao lado, no quarto vizinho, a figura aureolada do Cristo — plácido e sereno — refulgia ao clarão das duas velas do oratório... O Rufino fitava o rosto de tia Mariana. — “Só Deus!”

— A santa imagem do Cristo atraía-o como para um sagrado refúgio de fé. E o Rufino esgueirou-se para o oratório iluminado.

— Padre nosso, que estais nos céus...

Caíra de joelhos. E as palavras sagradas da reza

borbulhavam-lhe dos lábios, trêmulas e repetidas. “Santificado seja o vosso nome...” E eram padrenossos por sobre padre-nossos — Agora, só Deus! — “Ave Maria, cheia de graça...” E vinham-lhe ave-marias por sobre ave-marias. “O senhor é convosco, bendita sois vós...” As velas morriam aos pés sangrentos do Senhor.

Mas, no quarto da velha, houve um lúgubre ruído estranho. Parecia que todos se haviam levantado a um tempo. E, para logo — ao surdo baque pesado de um corpo — o grito estrídulo e doloroso da Úrsula estrugiu. O Rufino atirou-se para a cama de tia Mariana. De mãos postas, agarradas à vela benta do Santo Sepulcro, mal sustida pelo Tinoco e pela tia Rosa, a velha, esticada num último arranco, punha os dois olhos vítreos fincados no teto.

O Rufino parou:

— Mãe! — soluçou, num gemido.

— Tenha paciência, Rufino...

E o doutor consolava-o:

— Tenha paciência... Também a minha mãe um dia morreu...

— Morreu!

Não via mais nada, não ouvia mais nada. Os olhos prenderam-se-lhe ao corpo desfalecido da velha. Vergaram-lhe as pernas. Ria, de um riso nervoso e trêmulo; chorava, de um pranto sem soluços nem lágrimas. Parecia que lhe rebentava a cabeça.

E um peso enorme oprimia-o, fazendo-o pender para o chão.

Mas, a um relâmpago mais forte, a foice do Tinoco luziu, abandonada, num canto. E, do outro lado, no quarto vizinho, as moribundas velas de cera finavam-se, trêmulas, aos pés sangrentos do Senhor crucificado. O Rufino voltou-se para o Cristo; não tinha um gesto, não tinha uma palavra. Os olhos iam-lhe do crucifixo para o límpido aço da foice; da foice para a imagem sagrada do Senhor.

— Cão! — fez, de súbito.

A foice luzia, de novo, a um rútilo relâmpago mais demorado. O Rufino tomou-a de um gesto brusco, e — mal a apertara na mão crispada e trêmula — saltou, num ímpeto, do quarto para o oratório iluminado. Fuzilava-lhe a cólera nos olhos avermelhados e úmidos.

E, a um golpe, loira e fina, a benta Virgem da Conceição voou em pedaços. E a outro golpe, a outros, àqueles desencontrados, doidos golpes sacrílegos, piedosas Virgens santas, e sagrados Apóstolos, e bentos registros imáculos redomoinhavam no ar.

— Cães!

A imagem do Senhor fitava-o do alto, serena e aureolada. O Rufino vibrou-lhe a foice, certa e rápida. E eram novos golpes, doidos, repetidos golpes certos. Mas, porque a foice lhe escapasse, a um gesto mais violento, tomou do crucifixo pelos

pés. Vibrava-o agora às tontas, contra as paredes, contra os móveis, contra os portais. Tia Rosa, muito pálida, correu para arrancar-lhe a imagem. Mas o Rufino galgara a porta. A chuva caía em torrentes. Rútilos, rápidos relâmpagos cortavam o ar. E como uma cachoeira enorme, o vendaval descompassado bramava por todo o campo em redor.

— Cão!

O Rufino atirou-se, estrada a fora. Tia Mariana ficara de olhos vidrados, muito hirta, ao centro da cama de ferro. E o Tinoco correu a pôr fora a água da talha, para não fazer mal. O Rufino subia sempre, galgando a árdua estrada, através da tormenta. Agora, revolteava o crucifixo no ar. Vibrava-o de encontro às cercas, rachava-o de encontro às rochas ásperas, partia-o de encontro aos ásperos troncos nus. E, do alto — alma doida! — vinham-lhe os soturnos gritos roucos, por entre as sombras da tarde que morria:

— Cão!... Cão!...



Mana Minduca

Volto, afinal... Espera-me; irei hoje... Mana Minduca sorriu. De pé, ao lado, o moleque esperava. Era em 80, na velha casa da rua de Riachuelo, ao canto da rua dos Inválidos. "Volto, afinal..." Mana Minduca fitava atentamente os olhos no papel; sofria a caso da dúvida de que aquela não fosse a sua letra... E mirava o detalhe delgado da escrita. Verdade é que não parecia a mesma. Um pouco mais firme... Daí, em doze anos a gente muda de letra. Valha-lhe Nossa Senhora! O moleque esperava, tímido, amarrotando o chapéu entre as mãos.

Bendita carta! E Mana Minduca mirava o talhe delgado da escrita. Agora já lhe parecia que era dele; o corte daquele *t*, os *l*... "Volto, afinal..." Era. Mana Minduca sorria; o sorriso derramou-se-lhe por todo o rosto, apareceu brilhando nos olhos. Nem havia mais dúvidas, era dele; Nossa Senhora trazia-o ao fim. E Mana Minduca, olhou em roda. Pareceu-lhe que se alegrava a sala. A mesa redonda, ao centro, coberta de poeira e de livros, era justamente agora tocada de um raio de sol.

Esses que há doze anos lhe falam do rosto pálido, das lágrimas e da voluntária clausura, vissem-na agora! Mana Minduca sorria; nem se lembrava mais do moleque. Se alguém houvesse, que fosse passando pela rua, que surpresa não haveria de ter quando visse que ela abria as janelas. Abriu-as todas; não um bocadinho, como o fazia há doze anos, não como aquela por onde entrou o raio de sol; abriu-as de par em par. Debruçou-se bem para fora, cantalorando. Voltou, sentou-se. O moleque esperava, olhos fitos no chão, amarrotando o chapéu. Levantou a cabeça, olhou timidamente. Mana Minduca relia a carta. Por certo que era dele... Milagrosa Nossa Senhora das Dores!

— Tá entregue?

O amo que fosse ficaria para ali, sem resposta, como o moleque. Mana Minduca estava que não cabia em si de contente. "Volto, afinal..." E aquele "afinal" dizia bem. Doze anos há que o espera. Viram-se no fogo da Lapa. Que festa! Povo assim... Mana Minduca deixava-se levar à toa. Chegou a pensar que aquilo já se ia demorando muito. Mas, de súbito, o coração estremeceu-lhe; quase parou, até... Corou muito. Que tinha? Nada. Não deu mais um passo que se não voltasse para trás; os olhos dela achavam sempre um par de olhos que iam em sua procura.

Doces, bem-aventurados olhos! Não unica-

mente os dela; os de ambos. Os dele então, foi tanta a impressão que lhe fizeram, a ela, que ainda agora se lhe destaca a cena da primeira noite em que os viu. Atenta bem no modo por que ela a faz reviver agora, à simples leitura daquela carta. Parece-lhe que lá vai outra vez pelo meio do largo. Povo, assim... O dono dos olhos lá está, apoiado a um lampião, quase juntinho do coreto. Doze anos passaram já sobre tudo isto, e ela ainda os revê, aqueles doces olhos. Que festa! Mana Minduca demorava o passo. "Anda mais depressa..." — recordaram. Era o pai. Ela disse que sim: — "Sim, senhor" E voltou a cabeça para o lado do lampião. Daí por diante andou ainda mais devagar.

— Tá entregue?

— Ah! Diga que está entregue... Olhe... Dia-bo de moleque! Diga que venha cedo, ouviu? Às seis horas. Passe pela porta que eu estou na janela. Que venha cedo, ouviu?

O moleque batia longe. Deitara a correr pela rua de Riachuelo acima. Em pouco já se não o avisava. Mana Minduca ficou à janela; os olhos vagavam-lhe ao longe. Se ele não viesse... Mas havia de vir. E fechava os olhos, para revê-lo bem. Que figura teria ele agora? Há doze anos era magrinho, com um pequeno buço, mas em doze anos a gente muda. Deve estar gordo; dizem que em S. Paulo se

engorda, por causa do frio. E ele volta de lá — ba-
charel em direito.

Levou doze anos a fazer o curso. É muito tem-
po, mas há tanta contrariedade, anos perdidos, mo-
léstias, um horror! Outros se demoraram mais tem-
po, e vieram de lá sem diploma. Um vizinho, para
amostra — o Quincas, neto do conselheiro Domini-
gues. Levou dezoito anos em S. Paulo, e veio com
o curso ainda por acabar. Concluiu-o em Pernam-
buco. Bacharel em direito! Dr. Eduardo de Campos
Lustosa. Os olhos viam-lhe já o nome do marido, à
entrada da casa, num quadro, assim:

CAMPOS LUSTOSA
ADVOGADO

Campos Lustosa é um nome que fica bem à porta,
numa chapa escura, com letras pintadas a ouro...
Que depressa que ia o sonho de Mana Minduca!
“O dr. Eduardo de Campos Lustosa e d. Carminda
de Barros Lustosa participam a V. S. o seu casa-
mento...”

Pensamento de Mana Minduca, detende-vos!
Coisas há em que toda a precipitação é perigosa.
Mas vão lá deter o pensamento de uma moça que
esperou doze anos pelo noivo e tem-no agora à mão.
Vejam com que delícia ela lhe repete o nome, e co-
mo o espírito se lhe não afasta das participações de

casamento. Dr. Campos Lustosa... “O dr. Eduardo
de Campos Lustosa e d. Carminda de Barros...” Aí
a dificuldade do nome futuro. Carminda de Barros
ou Carminda Viana Lustosa? O pai é Frederico Via-
na de Barros; Chico Viana, conferente da alfândega.
Viana talvez ficasse melhor, ou Viana de Barros.
E ei-la que sonha já com os seus cartões de visita
— lilás, dourado nas extremidades, com uma pon-
tinha, dobrada e o nome, em corpo minúsculo —
“Carminda Viana de Barros Lustosa.”

Volta, afinal! Doida era ela que se não prepa-
rava para recebê-lo. E Mana Minduca correu para
o quarto. Abria gavetas, fechava gavetas. Três ve-
zes saiu pronta. O espelho, porém, gritava-lhe que
já se não sabia vestir. E Mana Minduca voltou. Des-
trançou os cabelos, soltou-os, trançou-os de novo.
Davam cinco e meia. Valha-lhe Nossa Senhora!
Mana Minduca veio para a janela.

Veio para a janela. Santa de que ela é devota,
poupai-lhe a dor de ficar ali eternamente a espe-
rá-lo... Fora, ia caindo a noite. Mana Minduca de-
bruçou-se quase toda para as trevas; interrogava o
fim da rua, longe. Ninguém; a noite apenas. Mana
Minduca mergulhava bem os olhos na escuridão da
noite. Um homem passou, lépido, correndo de um
para outro lado. Atrás dele iam ficando acesos os
lâmpioes de gás... O frio aumentava sempre; frio
de junho, frio que penetra a alma.

Valha-lhe Nossa Senhora! Mana Minduca distinguuiu alguém, longe. Não lhe via bem o rosto, via-lhe apenas o vulto. Vulto de homem. Debruçou-se mais da janela. O homem apoiara-se a um lampião; alguém, perto, dizia-lhe qualquer coisa. Agora ei-lo que metia a mão no bolso, tirou um objeto, deu-o. O outro desapareceu, a correr. Em pouco já se não o avistava. E o homem aproximou-se. Talvez fosse o Lustosa... Não era. Era um sujeito baixo, gordo. A barba inteira cobria-lhe o rosto antipático. Mana Minduca teve vontade de sair da janela. Antes saísse! Mas ficou.

O homem aproximava-se. Quem quer que fosse com certeza que andava à procura de alguém. Demorou-se um bocadinho ao canto da rua dos Inválidos. Depois, veio, devagarinho. Mana Minduca viu-o passar, olhando-a muito. Parecia que o homem tinha vontade de lhe dizer o quer que era. Ela própria julgava que já o vira. Mas onde? Não sabia. O homem foi até mais adiante, e voltou.

Agora, vinha resolutamente. Deteve-se à porta, tirou o chapéu. Que diabo queria ele? O homem murmurava alguma coisa. Mana Minduca debruçou-se mais, para ouvi-lo.

— O sr. Viana de Barros?

— É papai; mora aqui mesmo.

O homem levantou a cabeça, fitou-lhe bem o

rosto magro. Que olhar curioso! E agora o rosto dele tomava uma expressão de piedade:

— E... E uma sua filha solteira?

Mana Minduca não respondia. O homem não lhe tirava os olhos do rosto:

— E uma sua filha solteira?

— Minduca? Sou eu.

— Ah! É a senhora?

E o homem levou a mão ao chapéu. Santa de que Mana Minduca é devota, dize-lhe que esse que aí está é o mesmo que ela espera há doze anos. Mas o homem levou a mão ao chapéu:

— Ah! é a senhora! Pois, minha senhora, queira desculpar...

E seguiu. Que bem verdade é que doze anos de lágrimas envelhecem a gente. Nessa que aí ficou à janela, quem há que possa reconhecer a moça do fogo da Lapa? O tempo encheu-lhe a face de rugas. Pérfido tempo! A ele a culpa de que esses dois namorados já se não reconheçam ao cabo de doze anos. Vejam como o Lustosa lá vai, a toda pressa, à procura do bonde. Esse não volta nunca mais. E Mana Minduca ficou à janela. Não sabe quem ele é, não compreende nada. Espera sempre, como na véspera, como há doze anos. E a noite aumenta, o frio cresce com ela; Mana Minduca mergulha bem os olhos na escuridão da noite...



A barricada

Passos soaram, não muitos; poucos e mal distintos. Quem era deteve-se, talvez, à porta; mas, se é que se deteve, cobrou ânimo e subiu. Dava meia-noite; noite sem luar, escura e úmida. Nasceu daí, porventura, a indecisão de quem vinha. A escada era íngreme. Quem quer que fosse, parou ao alto, olhou em roda, bateu palmas, medrosas e tímidas. Ouvia-se-lhe a respiração. O ruído acordou uma voz, dentro:

— Há alguém aí?

— Mandou saber se está melhor, se precisa alguma coisa...

— De onde é?

— Dali defronte, do sobrado...

— Ah! Diga que está assim mesmo... Por ora não precisa coisa nenhuma. Diga que fica muito obrigado, ouviu?

Passos soaram de novo, não tímidos, nem medrosos; rápidos, como os de quem tem pressa de sair. Quem era desceu, parou à porta, colheu as saias, atravessou a rua, correndo, e sumiu-se.

Olhos que me lèdes, defende-vos; parece-me que por aí anda uma incorreção. O ruído não foi acordar nenhuma voz dentro. Essa que se levantou lá ao fundo, na sala, mudou talvez de assunto; mas nem se calara, nem dormia há três noites. Calou-se agora; outra surdiu, mais baixa, voz conselheira e amiga:

— Eu em seu lugar, d. Adelaide, tratava de procurar bem... A boca do mundo fala muito, mas não fala sem razão. Se seu mano morresse, já a senhora não ficava atirada por aí, sujeita aos outros, precisando morar de favor...

— Se ele tivesse alguma coisa, já tinha dito.

— Podia não dizer. Não é por falar mal, mas a senhora mesmo sabe; ele sempre foi muito apertado. Gastava pouco e ganhava muito. Eu não via, mas meu marido contava. E não era só meu marido, eram os vizinhos todos. Só aquela causa do Mauá quanto não lhe deu? Pra mais de seis contos de réis. E o resto? Dinheiro não se some; quando a gente não gasta, ele fica.

— E há quanto tempo foi isso? Contos de réis também não duram sempre; às vezes, não duram um ano, quanto mais quatro ou cinco. Se maninho tivesse dinheiro ele trazia. Não tem nada, creia. Ontem, antes da senhora chegar, ele me chamou. Eu fui. Estava muito amarelo, com os olhos cheios d'água. Olhou para mim, encarou bastante, depois

disse assim: — "Adelaide, seu mano vai embora..." Eu desatei a chorar; ele pegou-me na mão: — "Você sabe que seu mano não tem nem um vintém para lhe deixar, não é, maninha?" Eu disse que sabia, com a cabeça. Ele tirou-me as mãos dos olhos, puxou-me o rosto para bem perto: "Diga se sabe, Adelaide; eu não tenho nem um vintém, não é?" Os olhos dele estavam espetados nos meus. Ficou olhando, olhando... Eu disse que sabia. E vim embora. Se ele tivesse dinheiro, não fazia isto.

— A vista às vezes engana...

— Na hora da morte, d. Lúcia!

— A senhora é muito moça, não conhece o mundo; eu conheço...

— Por amor de Deus!

— Conheço; a senhora é que não conhece. Há de ver...

— Escute.

Havia um rumor, pouco pronunciado, contínuo, não muito longe. Calaram-se ambas. Escutavam. O ruído vinha do quarto, ao fundo. Era como um resfolegar de doente. Gemidos acaso; acaso palavras soltas, sem nexos. O que fosse, mal se entendia, através das paredes, das portas cerradas, do longo corredor escuro. Mana Adelaide curvou-se para o lado da sala, pôs a mão em côncavo, bem junto do ouvido. E ficaram caladas, imóveis.

— Parece que está chamando...

— É o vento.

— Vento assim, d. Lúcia!

— Há de ser. As vezes...

— Olhe.

Gemidos ou palavras soltas, percebia-se que alguma cousa era. Mana Adelaide levantou-se:

— Eu vou ver.

D. Lúcia pôs-se de pé, arredou a cadeira:

— Espere; eu também vou.

A outra sorriu.

— Não é por medo, não. A mim não me metem medo os vivos, quanto mais os que estão para morrer. É que eu não gosto. Assim até é melhor; nem eu fico sozinha, nem a senhora vai sozinha também.

Foram. O corredor era longo, longo e escuro. D. Lúcia levava uma vela. Alçava-a bem, para alumiar o caminho. O vento apagava-a quase. Pararam junto ao quarto. Mana Adelaide abriu a porta, entrou, chamou baixinho:

— Mano Malveiros...

Gemidos ou palavras soltas, o que era calou-se de súbito. D. Lúcia levantou a vela, para alumiar melhor. A luz bateu primeiro na cômoda, por sobre a lamparina; passou ao lavatório, parou na cama de ferro. Os lençóis agitaram-se; quem lá estava moveu-se, agarrou-se a eles, virou-se para a parede.

— Maninho está chamando?

D. Lúcia curvou-se para a cama, levantou mais a vela:

— Está chamando, dr. Malveiros?

Malveiros descobriu o rosto, magro, escaveirado, amarelo. Os olhos brilhavam-lhe, muito vivos, muito trêmulos. Ficou olhando, entre desconfiado e severo.

— Não conhece, maninho? É d. Lúcia, a vizinha aqui do canto...

O olhar de Malveiros buscava o de d. Lúcia; o dela é que o não buscava, nem reparara nele. Procurava outra cousa; e daí, bem pode ser que não buscasse cousa nenhuma. Andava da cômoda para a cama de ferro; mergulhava nos lençóis; ia da cama de ferro para as gavetas da cômoda. Trouxeram-as, acaso, agudo e fixo que era. Mas, se a alguma cousa buscava, certo é que não a encontrou; voltou da cômoda com uma expressão de desânimo; subiu ao tecto, desceu as tábuas do soalho, mirou-se no espelho do lavatório. O espelho disse-lhe porventura que se traía. D. Lúcia compôs o rosto, amorceceu os olhos. Quando Malveiros os encontrou, ressumbravam piedade pelo doente. Mana Adelaide ainda os achou piedosos e amigos.

— Está acabado, não é, d. Lúcia? Quem o viu, há dois meses! Lembra-se daquele jantar dos meus

anos? Riu, brincou, dançou... Nem parecia velho! Para hoje estar atirado numa cama.

— Não acho que esteja muito mal, não... Agora, ficar assim no escuro é que lhe não há de fazer bem. Por que não deixa a vela em cima da cómoda?

— Luz forte no quarto! É porque a senhora ainda não viu o que ele faz. Não suporta nem a lamparina; é preciso botar uma cousa adiante, pra não deixar a claridade toda.

— Mas estar assim no escuro não é bom, não.

— É o que ele quer; diz que a luz lhe dói nos olhos...

— Talvez seja por outra cousa.

— Não é por outra cousa; deve doer mesmo. Não viu quando a senhora entrou com a vela, como ele se virou para a parede?

— Enfim, isso ainda pode ser... Mas por que é que não deixa mudar a roupa da cama? Doente nenhum faz isto. E então roupa úmida, como a dele está...

— A senhora sabe; ele quase que não se pode levantar. Já vê que andar de um lado para o outro, para deixar limpar a cama, incomoda. E depois, quando se fica assim, não é um lençol lavado que dá vida.

— Mas não precisava tirar a cama toda, agora

então que ele está encostado à parede. Quer ver como é...

D. Lúcia ainda não concluíra, e já o lençol lhe estava seguro na mão; seguro por uma ponta. Puxou-o de um gesto rápido, da cabeceira para os pés. Talvez quisesse deslocar as almofadas; se é o que pretendeu, conseguiu-o. Os olhos mergulharam-lhe abaixo delas; regressaram em breve, deslumbrados, acaso satisfeitos. O lençol é que não veio, nem a mão de d. Lúcia. Malveiros agarrou-a, cravou nela os dedos hirtos. O relâmpago que lhe passou pelos olhos não foi tão rápido que ele o não surpreendesse. E segurava o lençol, com a mão livre, com o peso do corpo. Tremia todo, de raiva ou de frio. D. Lúcia teve medo, abrandonou os olhos, deixou o lençol livre. Malveiros trouxe-lhe a mão, presa, até a beira da cama; empurrou-a para fora, para longe. Ela curvou-se ainda para a cama, tranqüilla a fala, os olhos resignados:

— Não quer, paciência. Mas ao menos é bom tomar alguma cousa quente. Porque não toma um caldo?

O olhar de Malveiros traspassava-a, desconfiado, ríspido. Cravou-se no dela; talvez lhe buscasse ler na alma, que não mente. Os olhos mentiam. D. Lúcia insistiu pelo caldo:

— Tome, que lhe faz bem. Nós vamos aprontá-lo, quer?

Nem esperou pela resposta. O que ela queria, era porventura ver-se fora dali. Tomou da vela, pôs-lhe a mão por diante, para abrandar a luz. Voltou-se para mana Adelaide:

— Não é, d. Adelaide? Vamos preparar um caldinho para ele...

Abriu a porta, saíram. Malveiros ficou só. Os passos de d. Lúcia iam-se calando, diminuindo. Ele ergueu-se na cama, não muito; pouco, com dificuldade. Apoiou-se às almofadas, aplicou o ouvido. Já nem se distinguiam os passos de d. Lúcia. Os olhos e o rosto iam-lhe tomando uma expressão de tranqüilidade. Não digo que se transfigurassem. A mudança era lenta, como se ainda lhe sobrassem cuidados alerta. Aplicou mais o ouvido. Não vinha ninguém. Sentou-se na cama; as pernas caíram-lhe para fora do chamebre, nuas, muito magras, sem cor. Dentro, na sala, havia um rumor de colheres.

Malveiros olhou em roda, voltou-se para a cabeça, curvou-se um pouco, estendeu o braço. A mão dele mergulhou na almofada; foi lá ao fundo, voltou contraída e trêmula, menos trêmula do que conhecia bem. Não afirmo o que trouxe, porque já se não conhecia bem. Eram papéis, num maço; oleosos, encorpados e úmidos. A alguns, mal se lhes distinguia um rosto de homem. Talvez nem fosse de homem. Números sei que tinham, diversos, pequenos e grandes. Letras também; palavras até, em ara-

bescos, em círculo, mais escuras num canto, mais claras noutro.

O rosto de Malveiros dilatava-se. Súbito, guardou o maço; aplicou o ouvido. Não vinha ninguém. Tirou-o de novo, desenrolou-o, pô-lo sobre o joelho. Alisava os papéis; descolou-os depois, com vagar, com trabalho. Ia-os separando, um por um; não em silêncio, alguma cousa se lhe ouvia. Era como se cada papel daqueles lhe arrancasse um gemido. Gemidos ou palavras soltas. Talvez palavras; dir-se-ia que ele contava baixinho, a meia voz. Talvez estivesse rezando. Mas o que era, acabou. Malveiros teve um suspiro de alívio, de desafogo. Teve-o e ficou sentadão, olhando em roda, como quem procura uma idéia.

Se é que a procurava, a idéia não veio; se é que veio, foi repelida. Os olhos dele iam tomando uma expressão de desânimo, de desespero, de dor. Fita-va-os na cômoda, no soalho, no teto; passeiava-os vagarosos, pelo chão. Por vezes, aplicava o ouvido. Não vinha ninguém. Ensaçou uns passos; vergavam-lhe as pernas. Meteu os papéis no seio; sentou-se, curvou a cabeça. Dentro, na sala, a voz de mana Adelaide ergueu-se, alta, surpresa:

— A senhora viu, d. Lúcia!

— Se eu vi?! Vi com estes que a terra há de comer...

Malveiros alçou a cabeça. Alguma cousa o rea-

nimou, por certo. Prestou ouvidos; a voz de d. Lúcia calava-se, diminuía... Brillharam-lhe os olhos, lúcidos, vivos. Não eram os olhos de há pouco, feitos de desânimo, de agonia; eram olhos enérgicos, plenos de força, cheios de vontade. Levantou-se, tremulo; firmou-se nas pernas, deu uns passos. Andava. Andou um pouco; os passos eram-lhe mais seguros. Foi até à porta... A porta estava aberta, cerrada apenas. Ele fechou-a a chave, com duas voltas. E veio direito à cama; parou, apoiado à cabeceira.

Olhava em roda. Dir-se-ia que lhe voltava a idéia de há pouco; se é que voltava, ficou; aceita, não repelida. Foi até a cômoda. Pisava melhor, mais firme. Parou, curvou-se, agarrou-a pelos cantos, de um lado. A cômoda era pesada, forte; ele puxou-a a custo. Puxou-a mais, arredou-a um pouco; arredou-a, moveu-a para fora. Passou para o outro lado, arrastou-a, moveu-a daí. O esforço cansava-o; suave de um suor frio. E arrastava a cômoda. Deu-lhe uma volta, pô-la ao longo do soalho; empurrou-a mais, levou-a até a porta, pô-la por trás dela, bem junto. Deixou-a ficar aí, tapando a entrada e voltou.

Agora não hesitava mais; andava como quem tem uma idéia fixa. Foi à cama, arrancou-lhe as almofadas, tirou as cobertas, as colchas. Dobrou o colchão, foi pô-lo sobre a cômoda. Agia rápido com delírio, com febre. Tirou as tábuas, foi encostá-las à

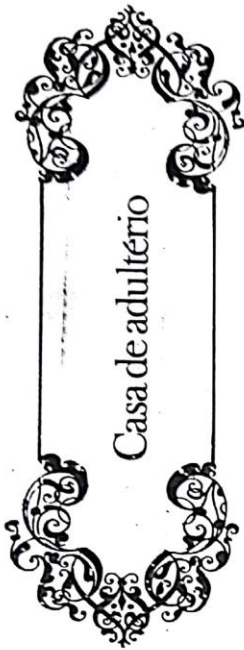
porta. Voltou, curvou-se junto à cama; correu-lhe os dedos, trêmulos, rápidos, pela cabeceira. Buscava alguma cousa; achou um ferro, tirou-o. A cama dobrou-se, aberta. Abriu-a do outro lado, fé-la bater no chão, arrastou-a até à porta; deixou-a aí, de pé, ao lado da cômoda, de encontro às tábuas, apoiada ao colchão. Por cima de tudo, as colchas, as almo-fadas, os lençóis.

Voltava, mas parou em caminho. A vontade dele pretendia por certo ir mais longe; as pernas não foram, dobraram-se-lhe, desfalecidas, quase mortas. Caiu de bruços. A vista ia-lhe ficando trêmula, escura; ergueu-se nos braços, pôs-se de joelhos. Talvez se levantasse; não pôde. Arrastou-se. Foi de rastros até o lavatório, pequeno, de ferro; agarrou-o por um pé, trouxe-o assim, arrastado, até a porta. Batiam-lhe os dentes; tinha as mãos geladas, gelados os pés. Um frio de morte, hórrido e lúgubre, apossava-se-lhe do corpo, subia-lhe à cabeça. Arrastou-se mais, aos poucos, para o meio do quarto; mirou a barricada, viu-a pequena e fraca; olhou em roda, à procura, pelas paredes nuas, pelo quarto vazio. Os olhos vagavam-lhe à toa; correram-lhe duas lágrimas. E foi através delas que ele lobrigou alguma cousa luzindo, num canto.

Os olhos trêmulos, a vista escura, não lhe reconheceram aquela escarradeira pequenina, de metal branco; o que ele via ia crescendo, crescendo...

Devia ser de prata, pesada e forte. Malveiros tentou mover um braço. Não pôde; o braço pendia-lhe gelado, morto. Moveu o outro, arrastou-se mais, para perto. O que era crescia, crescia... Ele já não via bem; ia-se-lhe cerrando um véu pelos olhos. Estendeu o braço livre, procurou, não via nada. Os pés inteiriçaram-se-lhe. O olhar dele mergulhou numa noite profunda e espessa. Ficou de bruços, imóvel. Vinha rompendo o dia. O sol entrou, do alto, pelas janelas; bateu sobre Malveiros, banhou-lhe o rosto amarelo, os olhos vidrados; estendeu-se, alagou todo o quarto de ouro fluído. Lá dentro a voz de d. Lúcia falava, conselheira e amiga:

— Deixe ficar o caldo; já não lhe pode fazer bem. O que a senhora precisa, é arrecadar tudo, logo que ele morra. As vezes aparecem parentes de fora...



Casa de adultério

Trinta anos há que isto foi... E daí, há talvez trinta e cinco ou quarenta. A casa era na rua do Núncio, mais para a dos Ciganos do que para a do Visconde do Rio Branco. Por aquele tempo ainda esta não era do Visconde do Rio Branco. Era mais fidalga e mais simples; — do Conde, sem mais nada. A nova denominação veio depois, com o Ventre Livre, com as festas de 71. Já por aí se vê que foi há mais de trinta anos. Mas não importa; a casa era na rua do Núncio.

Agora, de onde seria quem a habitava? De S. Paulo, diziam; mas também se dizia que era do Rio Grande. Outros asseguravam que era de Santa Catarina, até pelos modos, quanto mais pelos olhos pretos e pelo moreno do rosto. Seria ou não. Havia divergências em toda a rua do Núncio, na própria rua do Conde. Uma noite, no vizinho do lado, pare-des meias, brigou-se por causa de d. Senhorinha Duarte. Foi na casa das Machado, velhas ambas, solteiras as duas. Mana Melinha teimava que a moça era de Porto Alegre.

— Qual Porto Alegre! Aquilo é paulista; é cara da Aparecida...

Mana Júlia conhecia S. Paulo. Teimaram; acabaram por não se falar mais. A história não cogita de cousas mínimas; se cogitasse, haveria de mencionar que, para as Machado, nunca mais lhes chegou o momento da reconciliação.

De onde era d. Senhorinha Duarte? Da travessa das Partilhas. Nasceu lá, por uma tempestuosa noite de março. Restos de verão; últimas trovoadas secas... O pai assustou-se muito, não naquele dia; o susto veio-lhe duas semanas antes. Culpa da folhinha de Ayer. Lá estava o aviso, muito miudinho, nestas quatro palavras, ainda mais ameaçadoras do que miúdas:

*Fortes
trovoadas
ao
Sul*

A semana passou sem trovoadas, só com o susto. Veio outra; Ayer já não cogitava de relâmpagos, nem de trovões. Que muito é que também o pai de d. Senhorinha não cogitasse deles? E passavam os dias. Mas, numa bela noite, lá aparecem os relâmpagos. A trovoadinha vinha, estrondante, atordoadora. D. Senhorinha veio com ela, muito pequenina, envolta nuns tênues panos bordados.

56

O pai de d. Senhorinha ainda o não fora de ninguém mais. Tomou-a nos braços, beijou-a na boca, nos olhos, na testa... Beijou-a muito, ao acaso. Tinha os olhos úmidos, não dizia nada. Olhava para a filha, beijava-a, tornava a mirá-la outra vez.

— Está bom, agora deixe ela dormir... Olhe, faça favor de mandar-me dar a alfazema.

— Ah! sim... A alfazema.

E repetia "A alfazema, a alfazema". Só. "A alfazema, a alfazema". Deu uns passos, deixou-se cair no sofá. O dia ia clareando. A comadre esperava pela alfazema. Esperava; não vinha cousa nenhuma. E foi buscá-la ela mesma. O pai de d. Senhorinha ficou sozinho, a dormir.

Eis aí como, por uma tempestuosa noite de março, veio ao mundo a bela rio-grandense da travessa das Partilhas. Cresceu, esteve no colégio, teve namorados e casou. Há aí um episódio de viagem, não em solteira, mas depois de casada. Viagem a Pelotas... Porque, no fundo, uma das Machado não deixava de ter a sua pontinha de razão. D. Senhorinha esteve em Pelotas. O marido era confiante da mesa de rendas; ou por outra, foi conferente mais tarde, depois das núpcias, talvez dois anos depois. Antes era escriturário, 2º ou 3º. E d. Senhorinha veio de Pelotas para a rua do Núncio.

57

Chegaram cedo; as Machado já estavam à janela, cumprimentaram sorrindo, muito amáveis; e ficaram a ver entrar a mobília. Tão disparatada, tão velha! Já lhes parecia que devia ter sido comprada em leilão.

Talvez, d. Senhorinha teve saude de Pelotas; mas, se as teve, deveu-as ao marido. A principio, Duarte era um marido modelo; ia de casa para a alfândega — estava adido à alfândega — e saía da alfândega para casa. Mas numa certa, frígida tarde não veio; veio à noite, às sete horas. Tinha ficado com o ministro; negócios urgentes, relatório, o diabo! Era uma quarta-feira; no sábado foi pior. Ficou toda a noite na rua. O ministro era incansável, parecia de ferro. Que se lhe havia de fazer? D. Senhorinha chorou, mas não disse nada. Duarte viera às seis horas da manhã, com o dia claro. E o relatório continuou.

O relatório morava na rua do Hospício. Tinha cabelos castanhos, meio louros; pescoço comprido, emergindo de rendas largas e caras. Duarte viu-o uma vez, de volta da repartição. Sorriu; o relatório sorria também. Coitado! Sorrira já tantas vezes, para tantos conferentes adidos... Mas Duarte chegou há meses de Pelotas. O relatório sorria; ele foi até o canto da rua da Vala, voltou, fez um sinal... No dia seguinte mandava lá um moleque; três dias mais tarde ele e o ministro começavam a trabalhar

juntos, pela noite adiante. O país ia ver o que era um relatório de fazenda!

Parece que ainda se não falou aquil do dr. J. Mendes. Tem vinte e sete anos e foi promotor no Rio Grande do Sul. Conbeceu lá o Duarte, prestou-lhe obséquios; chegou há pouco, com licença, e frequentou a casa de d. Senhorinha. É, porventura, um dos que lhe dizem com os olhos o que a ela já lhe não é dado ouvir. J. Mendes descobriu o caso do relatório. Não porque visse, mas porque lhe disseram. Aliás, não precisava de que lhe dissessem cousa nenhuma. D. Senhorinha tem agora um par de olheiras que contam tudo o que o marido anda fazendo; e fala com uns ares de mártir dolorosa. Na véspera ainda, Duarte teve de organizar umas tabelas. Serviço delicado, cousa de muita confiança. E nem jantou em casa, nem voltou senão no dia seguinte. Esqueceu-se de que tinha convidado J. Mendes para jantar. J. Mendes é que não esqueceu o convite, e foi. Bateu à porta, meio trémulo, meio receioso.

— O patrão ainda não veio, mas a senhora está...

— É o doutor... Entre!

D. Senhorinha sorria, ao alto da escada; ela própria vinha abrir. Mais bonita, num amplo vestido de cassa. As olheiras estavam talvez maiores; muito pouco, mas estavam. O rosto é que já não tinha

nada de mártir, nem a fala. J. Mendes estranhou a mudança; mas não se despediu, não procurou nenhum pretexto para se ir embora. Subiu, muito trêmulo, muito receioso. D. Senhorinha recuou um pouco, para deixá-lo passar. A alma dela devia estar tramando alguma cousa. Foram para a sala. A criada seguia-adiante; abriu as janelas, ficou a en-direitar umas jarras...

— Vá dizer lá dentro que não demorem muito o jantar... Olhe, veja se falta alguma cousa. Seu amo talvez jante fora.

A criada ia embora, mas não foi. Sacudiu umas flores, apanhou uns jornais caídos. Saiu enfim. O Duarte não jantava em casa; J. Mendes achou que se devia admirar.

— Janta fora, o Duarte!?

— Janta, ou não janta. Quem sabe lá o que ele pretende fazer? A mim, disse-me que jantava em casa; mas também o disse ontem...

— E não veio.

— Não veio; veio hoje... Mas quem lhe disse que ele não veio ontem?

— Ninguém... Eu não precisava de que ninguém me dissesse; eu sei...

— Sabe o quê?

— Sei que a senhora... A senhora agora não é muito feliz.

— Não sou? Por que não? O Duarte...

— O Duarte, d. Senhorinha... Escute; a senhora sabe que eu sou muito seu camarada, não é? — É; o senhor é muito camarada de nossa família.

— Principalmente... da senhora.

— Meu, por quê? Pois não é tão meu camarada como de meu marido?

J. Mendes não respondeu logo. Parece mesmo que a resposta, já a entenderam os olhos de d. Senhorinha. Aquela pergunta veio, talvez, em busca de umas palavras que ela espera desde que o fez entrar. Mas, se J. Mendes não respondeu, ao menos chegou-se mais para ela. Fitou-a bem em face. D. Senhorinha baixou os olhos, corou; ficou assim, contando as tábuas do assoalho.

— A senhora sabe que eu sou mais seu camarada do que dele.

— Não sei nada.

— Sabe, d. Senhorinha.

— Sei por quê?

J. Mendes abaixou a voz; cerrava os lábios, as palavras saíam-lhe através do bigode, ainda perfumadas de brilhantina:

— Lembra-se de quando estava em Pelotas? Me perdoe; eu prometi não falar enquanto ele fosse bom para a senhora. Mas agora não é. Lembra-se do que lhe disse em Pelotas? Nem sabe o que tenho sofrido por sua causa, Senhorinha... Não viu que

deixei tudo lá, família, lugar, interesses, tudo? Vim só para poder estar aqui, falando com você, ouvindo o que você diz. Para que há de ficar no Rio, maltratada, esquecida por uma sujeita à-toa? Pensa que o Duarte ainda lhe estima? Há de ver o que ele faz. Olhe, eu tenho um dinheiro junto; vamos viver no rio da Prata. Quer ir, Senhorinha? É a sua felicidade que eu lhe estou oferecendo.

D. Senhorinha ouvia em silêncio; ou não ouvia. Ficava muito séria, cabeça baixa, olhos fitos no assoalho. Talvez nem sentiu que J. Mendes lhe enlaçava a cintura, nem o viu todo curvado para ela. Mas, de súbito, estremeceu; J. Mendes apertava-a nos braços. E os ouvidos de d. Senhorinha ouviram estas doces palavras melífluas:

— Meu bem, meu amor!

D. Senhorinha levantou a cabeça; olhou-o. J. Mendes repetia a frase, e abanava a cabeça. O cabelo dele brilhava; tinha-o aberto em duas pastas, encaracolado, lustroso de óleo:

— Meu bem, meu amor!

Os olhos, as narinas, a boca de J. Mendes, tudo se abria, melífluos e doces. Não sei que cousa passou pela alma de d. Senhorinha. Foram náuseas, se é que a alma tem náuseas. Pelos olhos sei que lhe passou num relâmpago; talvez o mesmo que ela viu ao nascer, na travessa das Partilhas. Deixou J. Mendes de joelhos no tapete; mal o mandou em-

bora. "Vá embora, me deixe!" E correu para o quarto. Chorou; chorou muito. Não jantou nem dormiu. Duarte, ao voltar no dia seguinte, ainda a encontrou chorando. Perguntou o que era; não sabiam. Talvez doença.

— É possível, é... O Justino que vá chamar um médico.

E ia saindo, mas parou à porta:

— Olhem, hoje não me esperem para jantar.